

MARIA ALCINA

Entrevista realizada com a cantora
em São Paulo em 14 de abril de 2003

ÍNDICE

O Raul Gil foi calouro várias vezes... E gongado 17 vezes	06
Essa coisa mais plural!	08
Ui, tô comendo as penas!	09
A música hoje obedece um padrão internacional	10
Ganhei como Revelação no 1º Festival Audiovisual de Cataguases	12
Arrumava casas, mas procurava aquelas que tinham rádio	13
Há uma rua com o meu nome. Não sou uma qualquer	15
As luzes vinham de longe. Pareciam discos voadores	16
Na Bahia tem o trio elétrico. Em Cataguases, o sambulante	18
Minha vida profissional começa por causa da Leila Diniz	19
O Gil é minha primeira referência musical pra observar o mundo	20
“Fio Maravilha” é um hino à liberdade	22
Bethânia mexeu comigo por causa do timbre da voz	24
Senti o que é fazer muito sucesso	25
Não havia dinheiro nem para o táxi. Aí tomei ônibus	27
Entrei com a rosa, passei no corpo, embaixo do braço e comi	28
Sou de uma geração em que ou se era intelectual ou brega	30
Eu era um anjo pra resolver os problemas das mulheres	32
Se eu pego as músicas do Gerônimo, tenho certeza do sucesso	33
Não posso ficar pensando nessa coisa do sucesso	35

O meu limite esbarra na parte comercial	37
“Caralho, não tô morta!”	38
O rap é muito cinematográfico	40
Disseram-me que eu havia inaugurado o samba-pornô	41
Ídolos? Dalva de Oliveira e Maricenne Costa	43
Chamei a Aurora Miranda pra cantar e ela topou	45
Não tenho mais fantasias	46

Onde foi parar a fantasia?

por DAFNE SAMPAIO

O que se espera de uma entrevista quando o nome é o de Maria Alcina? Que imagens vêm à cabeça? O que sobrou na memória da geração dos trinta e tantos anos que, crianças à frente de qualquer programa de auditório – Bolinha, Barros de Alencar, Chacrinha, Silvio Santos – gargalhavam daquela figura emplumada que cantava e que se saracoteava toda? E as gerações anteriores, contemporânea e predecessoras, será que ainda caminham sobre o barbante que amarrava a MPB setentista com a emergente música brega?

Foi em 2003. Antes mesmo da Mônica Salmaso. Entrevista de meio da tarde, atípica, mas não para aqueles entrevistadores desprovidos de atividade remunerada estável. E foi à frente do prédio de estatura mediana fincado no bairro de Santa Cecília, próximo ao Teatro São Pedro, que nos deparamos com a entrevistada. Nua. E ligeira.

Na sala do apartamento do amigo e produtor Cervantes vimos outra mulher. Disposta e paramentada, Maria Alcina sorria debaixo de quilos de penas azuladas. E foi ali, naqueles 12 metros quadrados, que nos esprememos com Cataguases, Fio Maravilha, Tadeu, Jorge Ben, Ney Matogrosso e Gasparetto. Ali também foi que descobrimos que o bom humor que se prorroga nas parafernalias que carrega às vezes borra os contornos de uma artista vigorosa.

Ela mesma já não esconde isso. Não tem mais fantasias. A carreira, que teve um início retumbante, lhe pregou peças e, aos poucos, empalideceu suas maquiagens. Ciente da fragilidade do sucesso, reorientou sua vida pessoal, mantendo o guarda-roupa intacto. Herdeira estética de Carmen Miranda, Maria Alcina parece que encontrou aquela moça festeira de Cataguases, que se encantava com ranchos e sambulantes. Seu vigor artístico sempre esteve na eterna e ingênua provocação – a fuga de casa para cantar, as letras de duplo sentido, o vozeirão de travesti, o rebolado sem prumo, a rebeldia inconsciente.

E essa necessidade de se provocar, fez de Maria Alcina uma artista nova. Hoje, ao mesmo tempo em que grava com um grupo de rap, estende sua caixa acústica para os eletrônicos do Bojo e permite aquecer sua voz à beira de um violão, num ensaio para Internet. “Tá rolando comigo uma grande maturidade, de me expor como uma profissional”, afirmou. Essa descoberta, 34 anos depois de sua primeira gravação em disco, é para ser ouvida e assistida e degustada.

O Raul Gil foi calouro várias vezes... E gongado 17 vezes

Dafne Sampaio – O microfone tá bem?

Giovanni Cirino – O microfone? Tá bem, tá ótimo. [risos]

Maria Alcina – Vocês já têm um release meu? Gente, são trinta anos, né? Que beleza! [risos] É muito bonito isso. Tem coisa pra contar. [ri]

Ricardo Tacioli – E fotos de arquivo, ficam com você? Ou com o Cervantes?

Maria Alcina – O Cervantes tem. Eu também. Precisando é só falar, eu moro aqui pertinho. Vou ver na seqüência.

Tacioli – Perfeito.

Dafne – Vamos?

Tacioli – Vamos.

Dafne – Eu tava vendo o Raul Gil... Você grava o programa dele na quarta?

Maria Alcina – É. E vai ao ar no sábado.

Dafne – Há quanto tempo você faz esse programa?

Maria Alcina – Desde janeiro, aos sábados. Antes eu fazia o que ia ao ar na segunda, o “Raul Gil em Tamanho Família”. Eu sempre trabalhei com o Raul Gil. Faz muito anos que trabalho com ele. Desde a Record antiga lá na (avenida) Miruna. Trabalhei com ele na Manchete e agora na Record, aqui. Ih, trabalho com ele ó... Acho que até na TVS [n.e. Antiga SBT], quando ele foi da TVS. Cantando e fazendo parte do júri.

Dafne – Fazia muito tempo que não via o Raul Gil... Mas como é o trabalho de jurada sendo cantora? E o que tem mudado no estilo das pessoas que cantam na TV?

Maria Alcina – Acho que a minha experiência como cantora me ajuda a observar os detalhes entre os candidatos. Isso é óbvio. Mas tem também a minha vivência, porque a gente se identifica. Eu também já fui candidata. [ri] Participei da “A Grande Chance”. Venci a primeira vez e perdi a segunda. O próprio “Fio Maravilha”... quando cantei no Maracanãzinho... Também fui candidata como eles. Então, tive a mesma expectativa que eles têm. Observo pela minha ótica, a ótica da minha vivência.

Tacioli – Você acha que os candidatos daquela época são diferentes dos de hoje?

Maria Alcina – Sempre, né?

Tacioli – Mas eles têm uma expectativa diferente?

Maria Alcina – Freqüentei poucos programas de calouros. Um no Rio de Janeiro. Quando você cantava ia para o trono. Não era o Chacrinha, não. Eles colocavam uma coroa na sua cabeça, mas se

o galo cantasse você perdia. [risos] O galo cantou pra mim! [risos] Na “A Grande Chance” eu ganhei na primeira e perdi na segunda.

Tacioli – Com qual música?

Maria Alcina – A primeira música que cantei foi “Roda”, do Gilberto Gil. A segunda... eu perdi, não lembro. [risos] Óbvio que não vou lembrar de uma coisa que me destruiu, nem morta! [risos] O Festival da Canção, em 1972, premiava uma música nacional e uma internacional. O “Fio Maravilha” não ganhou o festival, mas fez tanto sucesso que inventaram um júri popular para justificar o fato de não terem dado o prêmio pra música. Então a minha história foi sempre uma história diferenciada. Agora, a expectativa que você tem quando não é um profissional e quer se tornar um é sempre de ter um bom resultado. Ter sucesso naquilo que você está fazendo. Obviamente quando você é um profissional, a expectativa também é a de obter sucesso. Desde que seja um sucesso que te faça bem e faça para os outros também. É essa experiência que uso. Acho que o Raul Gil sabe conduzir muito bem os jurados e os candidatos. Ele conduz muito bem, porque também é um cantor. Ele sempre cita isso. Foi candidato várias vezes como calouro... E foi gongado 17 vezes. [risos] Ele sempre fala isso! “Fui gongado 17 vezes!” [risos] É isso que dá, inclusive, o sabor para o sucesso do programa. São pessoas que têm histórias parecidas com as histórias daquelas pessoas que estão ali começando. Sem contar que a gente começa sempre, né? Então, eu aprendo muito ali. Quando eu vejo um candidato nervoso, querendo que as coisas aconteçam, penso “Nossa, hoje eu, com a minha idade e com tudo que fiz, tem umas coisas que tenho medo de fazer”. Aí aquele candidato me ajuda a preservar a tenacidade, essa coisa que a gente não pode perder.

Essa coisa mais plural!

Tacioli – Há um tempo, em uma de nossas entrevistas, falou-se que as cantoras brasileiras de hoje têm uma forma de interpretação muito americanizada...

Maria Alcina – Quem falou?

Dafne – A Vânia Bastos.

Maria Alcina – Sei.

Dafne – Uma forma que virou padrão, um certo tipo de cantar com vibrato, como se todas fossem a Whitney Houston. Você tem notado isso?

Maria Alcina – Olha, eu vejo como uma forma de mostrar a voz. É uma oportunidade, porque a música brasileira já é uma música diferenciada. Ela tem uma pegada diferente, uma levada diferente. E essa música que projeta mais a voz facilita as pessoas mostrarem o potencial. Vejo por esse lado, até porque é um concurso de vozes.

Tacioli – Mas te agrada, como ouvinte, esse tipo de interpretação ou impostação?

Maria Alcina – Quando você está observando uma pessoa que está começando seu projeto, você precisa apenas observar. Vale o que a pessoa está fazendo. A minha interferência não vale. Tenho a minha experiência, que foi diferente. Tive outro caminho. Acho que o legal é ter o seu trabalho e poder observar o outro sem julgamento. Ele está se mostrando. Tem que saber ouvir e observar. Se eu tivesse no lugar deles não gostaria de ouvir interferências. Aliás, não gosto que interfiram. É uma troca. Mas a gente sempre tem uma idéia do que quer. Em princípio tem que prevalecer aquilo que se quer. Penso assim. É gostoso, porque eu tenho o meu, você tem o seu, ele tem o dele, essa coisa mais plural. Sou adepta do plural! [risos] Uhu! Tô louca! [risos] Vai ficando quente... começo a delirar! [risos]

Ui, tô comendo as penas!

Tacioli – A Aracy de Almeida fala em um disco [n.e. Ao vivo e à vontade, 1988] que quem apertava a buzina era o Silvio [Santos], mas bomba estourava na mão dela... Enfim, cada jurado tinha uma característica. No Raul Gil existe isso? Existem personagens?

Maria Alcina – O programa do Raul Gil corre com total liberdade dos jurados. Quando a gente está naquele aperto com candidatos excelentes, ele sempre fala para o espectador que não interfere em nada. Por isso é gostoso estar ali e é gostoso pra quem está vendo. Fica claro! E outra coisa: quando a gente vota e depois quem ganhou retorna, é gostoso quando a gente acerta. Fico fascinada como a gente consegue escolher, com o ouvido, a percepção, que é o melhor. Legal também encontrar depois quem realmente se transformou em profissional. Eles sempre lembram de alguma que falei na hora da escolha, coisas que a gente não lembra. Ih, fiz Bolinha, Raul Gil, agora e antes, Paulo Barbosa, Ney Gonçalves Dias... Sou veterana, né? [risos] O Raul Gil me chama de Virginia Lane, Aracy de Almeida, Dercy Gonçalves [risos]... [n.e. As penas de seu “cocar” caem na frente do rosto] Ui, tô comendo as penas! Ele vai me chamando pelos nomes das cantoras, das vedetes, porque tô sempre assim no programa... É uma delícia! Quando ele me chamar de novo de Aracy vou cantar “Na Glória”! [risos] Quando ele me chamou de Dercy, cantei “A perereca da vizinha”. É legal esse bate bola.

Tacioli – E quais as diferenças entre esses vários programas que você já participou? Tem algum que você goste mais?

Maria Alcina – É sempre música, né? Mesmo o Ney Gonçalves Dias, que era um programa com jornalismo e tudo mais, havia a parte musical. E eu sempre participo como uma cantora que tem identificação com a proposta do programa.

Tacioli – Houve algum momento constrangedor nesses programas?

Maria Alcina – Não. Pra completar o que eu estava falando da pergunta passada... Eu começo a delirar e saio do ritmo... Quando falei que é legal ver quando a gente acerta na escolha do calouro, olha, é só ver quem está do meu lado. Tem o Zé Messias. O Zé Messias é do meu tempo de “A grande chance”. Eu já passei por ele e agora ele ali do meu lado. Olha que lindo isso, gente! O Cacá Rosset é um diretor de teatro. O Elymar Santos é um cantor de sucesso, de projeção nacional, da cultura do samba, enfim, tudo. A Marly Marlei, que é uma mulher que veio do teatro de revista, sabe de dança, sabe de palco, é uma atriz. Então, há um equilíbrio maravilhoso e o candidato que vai ali tá muito bem alicerçado.

A música hoje obedece um padrão internacional

Tacioli – As escolhas desses jurados representam um pouco a variedade musical que há no Brasil?

Maria Alcina – Acho. E não somente no Brasil, mas no mundo, porque hoje não existe mais isso. Acho que a música hoje obedece um padrão internacional. Acho mesmo.

Tacioli – Você consegue identificar o momento em que se deixou de cantar de uma forma e se passou para outra?

Maria Alcina – Não acho que é isso de cantar de uma forma e depois cantar de outra. Não se pode mais falar de seu país sem falar do mundo. A Internet, todo mundo falando com todo mundo, todo mundo no quintal de todo mundo... Ficou uma chatice [risos], mas falar o quê? Antes você chegava e tal, hoje é tudo igual. Tudo a mesma coisa. E não pensem que é somente na música, não. É uma coisa total.

Ganhei como Revelação no 1º Festival Audiovisual de Cataguases

Dafne – Agora, você é jurada e incentiva novos talentos. Mas você lembra de alguém que deu esse incentivo no começo de sua carreira?

Maria Alcina – Tive muitas pessoas que me ajudaram, claro, mas a gente vai mesmo é atrás do sonho, fazer valer e se fazer valer. Minha carreira sempre foi por aí, seguir o fluxo natural do dom. Foram acontecendo coisas e eu... Mas o dom sempre falou mais alto. Olha, meu pai falava que menina era pra casar. Todos meus irmãos estudaram música. Menina é pra casar. Minha mãe camuflava, ela sempre me deu a maior força. Comecei cantando na minha terra, Cataguases, em todos os lugares que tive oportunidade. Mas eu não estava cantando porque tinha lugar pra isso, era porque eu tava ouvindo minha alma, o meu dom, dando vazão ao dom natural que Deus me deu. Isso é a coisa mais importante. Quando existe isso, claro, as pessoas vão aparecendo e você vai fazendo sua história.

Tacioli – Então o seu pai não lhe apoiou nesse começo?

Maria Alcina – Pai não apoia! [risos] Pelo menos não na minha época. Tanto que meus irmãos estudaram música e eu, não, fiquei frustrada. Mas comecei a cantar. Uma vez vi um grupo de teatro e eles estavam fazendo uma coisa tão bonita que pensei, “É isso que eu quero fazer!” Estava com um primo meu, o Pedro Paulo. “É isso que eu quero. Quero cantar, dançar!”. A louca, né? “Quero cantar, dançar, fazer tudo.” Aí esse meu primo me levou a um cara, um intelectual, que escrevia umas peças, Joaquim Branco. Ele escreveu uma chamada Não há vagas, mas houve vaga pra mim. [ri] Nessa peça eu fazia tudo aquilo que queria. Daí comecei a conviver com os artistas da minha cidade, porque eu era operária de fábrica...

Tacioli – Você tinha quantos anos?

Maria Alcina – Uns 16 anos. Nessa convivência com grupos de teatro e músicos, fui chamada para participar da trilha sonora do filme O anunciador do homem das trombetas. Cantei, falei poesias... Era do Paulo Bastos Martins. Aí o Joaquim [Branco] fez o 1º Festival Audiovisual de Cataguases e eu participei. O Nelson Motta estava lá, o Antonio Adolfo... Foi um negócio revolucionário na época... Tava o Torquato Neto, o Grupo Mercado, o [Jards] Macalé... Foi uma coisa! foi um festival que entrou para a história. Ganhei como revelação no festival. Ah, a trilha sonora do filme foi gravada no Rio de Janeiro. E lá fui eu gravar logo depois do festival. Tive que esperar no estúdio quem estava gravando antes. E quem estava gravando? O Antonio Adolfo. Ele sai e me encontra. Olha, gente, é coisa de estrela! [risos] Nasce uma estrela! Minha vida é toda assim, uma bobagem! [risos]

Ele me reconheceu, “Você não é aquela moça de Cataguases?”. “Sou.” “Você é legal. Porque não fica aqui no Rio?” – porque fui pra gravar e voltar, mas aí acabei ficando, tudo foi me levando pra ficar...

Dafne – Você foi ao Rio sozinha?

Maria Alcina – Tava com uns amigos que também vieram gravar a trilha sonora. A gente estava perto da casa do Nelson Motta, na Rua Paissandu. Acabei ficando nessa casa, arrumei emprego, primeiro na Brazuca, que era a empresa do Antonio Adolfo.

Dafne – E era o nome da banda dele também, né?

Maria Alcina – É. Eles lançaram o Toni Tornado. Eu vi aquela preparação toda. Dois anos depois tava eu com “Fio Maravilha” no Maracanãzinho. Que maravilha! [risos] Pode colocar o título aí, “Nasceu uma estrela!” [risos]

Arrumava casas, mas procurava aquelas que tinham rádio

Dafne – Você chegou no Rio em 1969?

Maria Alcina – Acho que sim, 68, 69. 1968, porque eu era de menor na época, tinha uns 17 anos. Cantava nos lugares e depois me escondia. Só consegui ser crooner mesmo uns dois anos depois quando cantei no Number One. O Solano Ribeiro me viu no Number One e me chamou pra ser lançada no Festival Internacional da Canção. Não é uma maravilha?

Dafne – Mas antes do festival você já havia gravado um compacto, né?

Maria Alcina – “Mamãe coragem” e “Azeitonas verdes”, pela Continental. “Mamãe coragem” é do Caetano [Vieloso]... [cantarola] “Mamãe, mamãe não chore / A vida é assim mesmo”... e “Azeitonas”, que é do Marcus Vinicius, que tem a gravadora...

Tacioli – O Marcus Vinicius da CPC-UMES?

Maria Alcina – É. Ele participou do Festival de Cataguases. E mais intelectual impossível, né?

Tacioli – Ele foi da Discos Marcus Pereira...

Maria Alcina – É. E o interessante é que sempre tive uma vida fora daqueles padrões. Não sou intelectual, fui operária e só estudei o que foi possível. Convivia com o povo, né? Acho bacana isso de seguir sua história, sua alma.

Dafne – Mas antes de você sentir esse negócio pela música, esse chamado, como era? Você ouvia música em casa?

Maria Alcina – Lá em casa não tinha rádio porque meu pai era deficiente auditivo. Teve problemas de audição ainda jovem, mas ele era um homem de música, de banda... Em cidade do interior tem banda... Havia a banda da fábrica... Foi por isso que meus irmãos estudaram, porque a paixão dele por música era tão grande que se realizava com os filhos.

Tacioli – E o que ele tocava?

Maria Alcina – Percussão. Mas meus irmãos todos foram para os sopros. E todos estudaram porque havia a banda da fábrica.

Dafne – E eles foram tocar na banda da fábrica?

Maria Alcina – Sim. E odiavam tocar na banda da fábrica. E eu louca pra estudar, tocar, cantar, fazer qualquer coisa. E não podia. Não podia entre aspas, né? Isso é que é bacana, porque não tem nada uma coisa a ver com a outra.

Dafne – E eles seguiram?

Maria Alcina – Não, quero dizer, tenho um irmão que é da Marinha, não, da Aeronáutica, e é maestro... Quando entrou na Aeronáutica foi pro lado da música. Hoje já está aposentado.

Tacioli – Mas o que você ouvia?

Maria Alcina – Ouvia rádio da casa da vizinha. E, às vezes, trabalhava no fim de semana arrumando umas casas. Durante a semana na fábrica e no fim de semana ia fazer isso. Sempre procurava as casas que tinham rádio. E ouvia Orlando Silva, Anísio Silva, Nelson Gonçalves, Altemar Dutra... A minha formação musical se deu muito pela minha curiosidade. Não tive a facilidade que muita gente tem. Tenho um tio que ficava lá em casa de vez em quando e tinha um rádio. Ele também era músico, tocava contrabaixo, aquele enorme. Eu ficava no corredor com o ouvido na porta pra escutar as músicas. Adorava quando esse meu tio passava uma temporada lá em casa. Era a oportunidade de ouvir rádio.

Há uma rua com o meu nome. Não sou uma qualquer

Tacioli – E como foi sua infância? Que imagem você guarda dela?

Maria Alcina – Somente imagens boas. Sou uma pessoa que tive uma infância feliz. Sou uma pessoa feliz. Quando não estou feliz, fico dentro de casa. Enlouqueço em casa. Na rua estou sempre feliz. Minha infância teve quintal, árvore, rio; infância de brincar na rua, de ter amigas, amigos...

Dafne – Você recebeu uma homenagem da cidade, né?

Maria Alcina – É. Há uma rua com o meu nome, no bairro da Taquara Preta. [risos] Não sou uma qualquer, sou identificada! [risos]

Dafne – Recebeu o prêmio na cidade, nome de rua...

Maria Alcina – De Cataguases para o mundo, uma estrela nasceu! [risos] Ah, meu amor, quem passou por isso não pode dizer que é infeliz! Se disser, tem que tomar uma surra por hora. [risos]

Dafne – Como foi? Você desfilou?

Maria Alcina – Desfilei. Foi bárbaro!

Dafne – E quando foi?

Maria Alcina – Aí você me pega.

Tacioli – Anos 80?

Maria Alcina – Deve ser. Mas vejo isso pra vocês.

Tacioli – Foi bárbaro, então?

Maria Alcina – Imagina? [risos] Uma escola [de samba] contando sua vida em sua cidade! Bárbaro!

Tacioli – Você se lembra de um trequinho do samba-enredo? É sua vida... [risos]

Maria Alcina – Mas não lembro da música. É muita coisa. Passou o tempo... Eu posso ver a letra...

Dafne – É um samba-enredo longo.

Maria Alcina – Não, não é. É porque eu não lembro, principalmente agora... Vocês viram que tive que fazer um esforço pra lembrar quando conheci o Cervantes. Só lembro que o final do refrão é "Maria Alcina, esse samba é pra você". É isso que lembro. Ai, vou ver a letra da música pra vocês. Me aguardem! [risos] Vou resgatar essa história.

As luzes vinham de longe. Pareciam discos voadores

Tacioli – E como era o Carnaval de Cataguases?

Dafne – Você pulava?

Maria Alcina – Não.

Tacioli – Não?

Maria Alcina – Meu pai não deixava!

Tacioli – E não havia escapadinhas?

Maria Alcina – Havia sim, lá no Clube do Remo que era perto de casa, do outro lado do rio. A gente fugia, dava um jeito de ficar um pouquinho, mas o porteiro sempre colocava a gente pra fora. Não éramos sócios, né? O porteiro sempre puxava a gente pra fora. Mas dava pra dançar um pouquinho. Havia também o clube do meu tio, irmão do meu pai. Era o Rancho Alegre. A gente também dançava um pouquinho lá. Havia um outro... e sempre dançando um pouquinho. Mas isso não me impediu de adorar o carnaval e ser uma pessoa da música.

Tacioli – E na cidade havia tradição de blocos ou escolas de samba?

Maria Alcina – Sim, sim. Hoje tem o Carnaval normal em Cataguases e sempre teve. Mas a imagem que tenho do Carnaval é de um personagem, o Paulo Santos. Ele saía dançando sozinho e tinha aquela mão que aperta assim e vai até sua cara... não sei como é que chama isso... Ele era um compositor, uma figura folclórica da cidade, um compositor ótimo, fez algumas músicas pra mim... Já faleceu. Uma vez fez uma música que falava de umas pessoas que gostavam de ficar sentadas no muro da casa de um homem rico e isso tinha sido proibido... Fez muito sucesso, falava de uma coisa que aconteceu, uma coisa histórica da cidade... E eu me lembro de estar na praça e ver uma escola de samba passar e ficar fascinada com as luzes dos carros alegóricos. Devia uma menina em formação, e aquelas luzes me encantaram. Vinham muito de longe, pareciam discos voadores. Hoje a gente lembra esse olhar romântico, lúdico, que tinha sobre as coisas. Do outro lado da praça vinham as luzes, aquele som, aquele ritmo... o Rancho Alegre, que era do meu tio, saía sempre muito mais tarde, depois de todas as escolas.

Giovanni – Rancho Alegre era um bloco?

Maria Alcina – Era de marcha-rancho. Tem uma diferença entre a escola de samba e o rancho, e como ele saía depois de todo mundo... quer dizer, passava o normal e depois vinham eles como se fossem... puxa vida, me falta a palavra... [silêncio] Não tô conseguindo achar a palavra... Eles saíam depois de todo mundo. Bem, a gente tava lá em casa, já querendo dormir, e escutava aquele som. Era o Rancho Alegre que vinha. Imagina! A gente saía correndo pra ver. Eu não saberia dizer o que

era aquilo, faz muito tempo, mas eles tinham um jeito de dançar. Era marcha-rancho. As mulheres cantando, negras. Em geral eram as mulheres que cantavam. Era até um diferencial dentro do próprio Carnaval. Agora pra mim o que era interessante, mesmo quando menina, é que no Clube Social, que era o clube grã-fino da cidade e ficava na Praça Rui Barbosa, a praça principal, os ricos ficavam em cima vendo as escolas de samba passarem na rua e o pessoal das escolas fazendo reverências aos que estavam em cima... Desde então entendi o que era condição social. Pra mim isso foi muito marcante. E se você notar, mesmo hoje, em qualquer situação, tem o palanque, a escola de samba passa e sempre reverenciam... Isso foi uma coisa que sempre me pegou no Carnaval, um jeito de entender as questões sociais.

Na Bahia tem o trio elétrico. Em Cataguases, o sambulante

Tacioli – E o Carnaval de Cataguases mudou desse tempo pra época em que você foi homenageada?

Maria Alcina – Acho assim. Tenho oportunidade de ir de vez em quando em quadras de escolas de samba em época de Carnaval e o que a gente vê na avenida nunca é o todo do que a gente sente numa quadra. Há todo um ritual, mesmo nos ensaios. A porta-bandeira... E aquilo tudo é muito bonito. Há uma essência ali que não vai para a avenida.

Tacioli – Mas você acompanhou isso em Cataguases?

Maria Alcina – Não, eu já estava aqui. Fui nesse desfile e... Não poderia falar muito sobre o Carnaval de lá, mas pelo que eu recebo dos jornais que mandam pra mim, o Carnaval de Cataguases é um carnaval em que as pessoas vão pra rua brincar. Na Bahia tem o trio elétrico e lá em Cataguases tem o sambulante.

Tacioli – Sambulante? [risos] Muito bom esse nome.

Maria Alcina – E as pessoas vão atrás. Tem a avenida onde as pessoas vão ver a escola de samba passar. Mas também tem o carnaval de rua em que todos participam. Isso é bacana. [Chega o Cervantes, amigo e produtor] Eles me botaram no Carnaval em Cataguases lá atrás. Já até me perdi. Onde é que eu tô? [risos] Tô em São Paulo?! Caramba, meu! Cê começa a falar e vai lá pra trás. Uh, deixa eu chegar de novo. Cheguei!

Tacioli – Pronto?

Maria Alcina – E agora todo mundo sabe onde fica Cataguases, já que poluíram o rio todo. [risos]

Dafne – Cataguases também é o nome da indústria que poluiu o rio, né?

Maria Alcina – É o Rio Pombas que passa no quintal da minha casa.

Tacioli – O rio do Clube do Remo...

Maria Alcina – Foi o rio que passou na minha vida... [risos], que passa na minha vida, porque ainda está lá.

Minha vida profissional começa por causa da Leila Diniz

Tacioli – O que lhe chamou a atenção no Rio de Janeiro? Que imagem você tinha do Rio?

Maria Alcina – Puxa vida, agora eu não lembraria. Sabe o que acontece comigo? Eu tô sempre nos lugares por causa da sobrevivência. Eu sobrevivo primeiro pra depois ver o que... [ri]. É quase uma tragédia, né? [risos] Lembro que cheguei na praia de noite. [risos] Não vi o mar, só ouvi o barulho. “Quer dizer que esse é o mar que falaram?” Depois é que eu vi o mar. Posso falar do Rio de Janeiro assim... Fiquei no Rio sem minha família, sem irmãos, conhecendo pessoas novas e por uma questão de sobrevivência. Mas era um Rio que você podia andar na rua, podia entrar numa boite e sair tranqüilo, não havia maldade. Vivi uma vida sem maldade no Rio de Janeiro. Posso responder pra você isso hoje depois de todo tempo que passou. Há coisas que me encantaram, mas agora no momento não lembro. Teve essa chegada e também a convivência com todas aquelas pessoas... de Leila Diniz à Ipanema, aquele burburinho... Aliás, a minha vida profissional começa por causa da Leila Diniz. Porque nessas idas e vindas em busca de um lugar pra cantar – eu não conseguia cantar nem na Praça Mauá, nem em puteiro! Verdade! Porque eu me mexia muito, me movimentava muito e o dono da casa não quis. Não conseguia lugar pra ser crooner. Nessa época, ela fazia Vem de ré que eu estou de primeira no Teatro Casa Grande. Foi o último espetáculo dela, escrita pelo Tarso de Castro. Era uma revista, a Dalva de Oliveira também tava, todo mundo ali... E eu consegui um lugar naquele espetáculo. Disseram que eu era feia... Olha que chique! [risos] Que minha voz era mais grave que todo mundo do elenco junto! [risos] Mas teve um dia em que ela estava lá com o Chico Buarque e machucou o pé, quebrou o pé, e eles improvisaram o show. Aí chegaram pra mim... “Vai lá, Alcina, canta lá, cê tá todo dia aí”... “Agora é minha hora!” Aí cantei “Baby” e “Asa branca”. Cantei assim pra... [gravador de fita cassete anuncia fim da fita]. Até parou! Olha, até isso! [risos] Virando a página. Todo mundo gostou, o Tarso de Castro... e falaram para eu ir dar uma canja na Number One, que era a boite da moda, Osmar Milito no piano, uma maravilha. No elenco da peça tinha um transformista e o dono da casa achou que era o transformista que tava cantando. Aí quando ele olhou e viu que era uma mulher – eu era magrinha, uma vara-tripa –, me contratou na hora. Colocaram o Maestro Severino Filho pra arregimentar os músicos e começamos a fazer um show. O Solano Ribeiro me viu e me chamou pra cantar no festival.

O Gil é minha primeira referência musical pra observar o mundo

Tacioli – E de onde vem esse seu gestual de palco?

Maria Alcina – Ah, isso eu acho que é porque sou negra, família negra, batuqueira, Rancho Alegre... Aí entra toda essa coisa do Carnaval e da família do meu pai. É o sentimento da música, falo muito pelo sentimento da música.

Tacioli – E esse sentimento sofreu acréscimos de outras influências? Algum artista que você conheceu quando chegou no Rio? A Carmen já estava presente nesse seu início de carreira?

Maria Alcina – Já, porque logo depois que lancei “Fio maravilha”, gravei “Alô, alô”. Eu cantava no show, mas fui pesquisar, não tinha tanta informação. Acho que quando encontro o Jorge Ben... porque quando escolho o “Fio maravilha” pra cantar tem aí uma identificação natural.

Dafne – Como foi a escolha do “Fio maravilha”? Deram ou foi você quem escolheu?

Maria Alcina – Quando o Solano [Ribeiro] me chamou pra participar, me deu a liberdade para escolher a música ouvindo as várias inscritas no festival. Queria uma música que mexesse com a platéia. Não queria ser apenas uma cantora, nunca fui. Mas sabe o que eu acho, de verdade, quem influenciou toda a minha geração foram os tropicalistas. Porque você pega os grande cantores da Rádio Nacional, a bossa nova, a jovem guarda e aí vem o tropicalismo. Quando fui cantar no Festival do Audiovisual, em Cataguases, o visual era aquela roupa da Gal [Costa], as batatas. Quando canto “Roda”, eu tô ligada no Gilberto Gil. Eu cantava bossa nova... não, mentira, bossa nova foi um tipo de música que nunca cantei. Cantava jovem guarda... Havia um rapaz na minha terra, olha que chique, que cantava com uma voz fininha. Então a gente fazia uma dupla Leno & Lilian em um programa de rádio na cidade. Olha, começa a mexer, vem tudo. A gente vai lembrando aos pouquinhos.

Dafne – Você era o Leno e ele a Lilian... [risos]

Maria Alcina – Quase isso! [risos] Já era Maria Alcina e Ney Matogrosso às avessas! [risos] Marcílio era o nome dele. Ele tinha uma voz bem fininha.

Tacioli – Marcílio do quê?

Maria Alcina – Só lembro de Marcílio. A voz dele era feminina, soprano. Ele cantava aquela música do Marcelino, pão e vinho. Sabe? Ele cantava aquelas músicas do filme, fazia o maior sucesso. Lotava teatros e cinema, aliás. Fui vê-lo no cinema. Depois a gente se encontrou. Cantávamos Leno & Lilian. Mas quando ouvi “Procissão”, do Gilberto Gil, vi que havia mais coisa ali além do “Pobre menina”, da Jovem Guarda. Era mais a minha pegada. Gil é uma influência radical na minha vida. Poxa, uma operária de fábrica cantando “Pobre menina”? Não combina. Com essa voz! E com a essa

vivência social que eu tinha... O Gil é a minha primeira grande referência musical pra observar o mundo.

“Fio Maravilha” é um hino à liberdade

Tacioli – O surgimento do tropicalismo coincidiu sua chegada no eixo Rio-São Paulo, né?

Maria Alcina – Começou em Minas mesmo. Ouvi o disco **Tropicália** lá em Minas e também tudo o que a gente via dessas pessoas. Minha geração foi uma geração que aprendeu e se criou artisticamente influenciada por todo esse movimento. E todo o resto da música brasileira, nada ficava em branco. Mas aí havia a ditadura. Eu sou uma cantora que começa cantar em 1972 no Maracanãzinho, no auge da ditadura. Tinha gestos que eu fazia que a direção do festival falava que não era pra fazer, que a Censura tava de olho. Em 1974 fui proibida em todo território nacional... É uma bela história, meu bem! Ih, dá um livro, um capítulo à parte... [risos]

Dafne – E o festival? Você escolheu “Fio Maravilha” por ser uma música...

Maria Alcina – ... que mexia com a plateia. Tinha que mexer com alguma coisa. Aliás, os festivais eram o momento de mexer, eram o momento da atitude, né? E hoje você encontra isso no rap. O rap é a música de atitude agora.

Tacioli – Você ficou em dúvida entre “Fio Maravilha” e alguma outra música?

Maria Alcina – “Cabeça”, do Walter Franco.

Dafne – Olha!

Maria Alcina – Não sou fraca, não! [risos] E foram as duas que mexeram com o festival. [toca o interfone] Bem, o “Fio Maravilha” era sobre um jogador, um personagem vivo que tava ali, presente. Isso já é muito doido. Jorge Ben foi muito doido de fazer essa música sobre um jogador. E futebol já é uma coisa que naturalmente mexe com o povo.

Dafne – Você já conhecia o Jorge Ben?

Maria Alcina – De nome, mas não tinha contato com ele. Conhecia como compositor.

Dafne – Gostava dele?

Maria Alcina – Sim, claro. E aí vem uma coisa de identificação que não se sabe de onde vem.

Tacioli – Você cantava músicas dele antes?

Maria Alcina – Cantava. “Bananeira”, lembro bem... [cantarola] “Olha a banana / Olha o bananeiro”... [n.e. Na verdade a música se chama “Vendedor de bananas”], tocando violão. Na época eu tocava violão. Quando peguei “Fio Maravilha” pra cantar fui pesquisar a plástica do futebol, os jogadores... Pensei, “Tenho que cantar essa música como se estivesse fazendo o gol, quando o jogador pula. É no ar que tenho que cantar”.

Tacioli – Isso determinou o seu gestual.

Maria Alcina – Determinou aquela interpretação. Caso contrário seria a interpretação dele. “Fio

Maravilha” é um hino à liberdade, até hoje. Quando se canta essa música todo mundo pula, dança, levanta a mão.

Tacioli – Você se lembra de seu primeiro contato com ele?

Maria Alcina – Tive contato com ele somente depois do festival. Eu cantava na noite, já fazia algum sucesso, e ele... nessa época, no Rio de Janeiro, tinha o Pujol, uma série de boites em que aconteciam grandes shows. Leny Andrade numa, Osmar Milito na outra, Jorge Ben... De repente, lá na Number One, a Elis Regina apareceu e cantou. Eu vi isso lá. Todos os grandes cantores passaram pela Number One.

Giovanni – E quanto tempo você ficou no Number One?

Maria Alcina – Antes do “Fio Maravilha”, uns seis meses, e depois continuei. Não mudei por causa do sucesso do festival e olha que lotei o Number One depois. Inclusive não tive nem o tino comercial de aproveitar esse sucesso. Mas também era uma outra época. Hoje quando aparece um cantor na TV, ele já vendeu milhões de discos. Saiu o disco ontem e ele aparece hoje na TV falando que vendeu milhões. E vendeu mesmo! Hoje o sucesso é industrial. Naquela época havia a ditadura. Ia ter sucesso como? Vocês são de uma geração que observa a história. Tem o pessoal do mercado mais aberto que fica sempre perguntado, “Que aconteceu com sua carreira?”, nhem nhem nhem, enchendo o saco [risos]... Porra, a história fala por si, ela tem um papel nos acontecimentos da vida do indivíduo, do seu país, sua cultura... e não observar isso é pelo menos uma indelicadeza.

Bethânia mexeu comigo por causa do timbre da voz

Dafne – “Fio Maravilha” é de 1972 e o seu primeiro LP saiu somente no ano seguinte, em 1973.

Maria Alcina – É, e o repertório foi basicamente o que eu cantava no Number One. As músicas da Carmen Miranda [n.e. “Alô, alô?”, de André Filho, e “Como vaes você?”, de Ary Barroso]... O Paulinho da Costa trabalhava comigo na boite... Quando canto “Me dá... me dá” [n.e. Composição de Cícero Nunes e Portello Juno] é porque a gente fazia junto.

Dafne – Ouvindo o disco dá pra notar duas vertentes bem claras. De um lado, músicas antigas, de cantoras do rádio, como “Alô, alô?” e “Como vaes você?”, e do outro, compositores mais novos como Gil e Caetano [n.e. Autores de “No dia em que eu vim embora”].

Maria Alcina – É, o próprio movimento tropicalista trouxe de volta alguns cantores do rádio. Era quase que natural resgatar pessoas que fizeram parte da cultura da música.

Dafne – O Caetano gravou Vicente Celestino. [n.e. “Coração materno”, registrada no disco Tropicália ou Panis et Circensis, 1969]

Maria Alcina – Exatamente. É bonito isso na música popular brasileira. De vez em quando penso nisso.

Tacioli – Naquela época você se considerava uma tropicalista?

Maria Alcina – Engraçado, somente hoje penso nisso. Ah, sou muito doidona, mas por quê? Influência do comportamento da minha geração. Mas também os festivais, né, gente? Foram uma influência muito grande. A Elis Regina cantando “Arrastão”. Ouvi ela no rádio do meu tio. Achei que ela tava ali dentro do rádio. [risos] A Marília Medalha com aquela voz grave. Aí veio a Maria Bethânia cantando “Carcará”... Foi uma coisa que mexeu muito comigo por causa do timbre da voz. Lembraria de outras cantoras dos festivais... os festivais da Record, né? A gente tá falando de uma época muito rica da história brasileira.

Senti o que é fazer muito sucesso

Tacioli – Depois do festival e do primeiro disco, você tinha claro uma linha pra sua carreira?

Maria Alcina – Não, você pode ver que quando conto sobre alguma coisa que aconteceu é porque aconteceu! [risos] Aconteceu! Nada programado.

Tacioli – Mas esse ‘aconteceu’ em algum momento lhe chateou?

Maria Alcina – Nunca, somente veio coisa boa. E as coisas ruins deixo no armário lá de casa. Minha irmã que falava assim... “Pega o bicho, guarda-o dentro do armário e deixa lá!” [risos] Adoro essa coisa que minha irmã falou. [ri] Aprendi a lidar com o positivo. O negativo deixo em casa.

Tacioli – E não há mágoas?

Maria Alcina – Que tem, tem, mas eu esqueço! [risos] É verdade. Ultimamente não reclamo mais nem com os amigos. Tô aprendendo a... “Ninguém presta atenção!” [risos] Vou ficar falando sozinha? Não sou louca!” [risos] Ainda não. Mas voltando, acho que a única parte programada que teve na minha carreira foi com o Mauro Furtado na Number One. Ele realmente me produziu. Contratou maestro pra parte musical [n.e. Maestro Severino Filho]. Quando faço aquele grande sucesso e continuo cantando na Number One já não é tão... Uma vez o Marcos falou pra mim que eu não tinha escolhido ser uma cantora e ficar dentro de casa... Pensei, “Caralho, ele pensou que eu morri?! Ainda não morri, não!” Ele tinha um escritório na [Avenida] Angélica, não sei se tem ainda... Desci triste, porque a pessoa fala com você como se você estivesse acabada. Porque é que você não escolheu? Agora? E quanta coisa já aconteceu pra mim depois daquilo tudo! Também acho que vale a gente entender o que tá fazendo. É que nem pai e mãe. E também na profissão a gente tem que deixar o pai e a mãe da gente pra entender o que tá fazendo, pra entender a sua profissão. Por que você é jornalista? Por que você é fotógrafo? E sem pai nem mãe, né? E quando ele falou isso fiquei pensando... ele tem razão! [risos] Não escolhi mesmo! Acho que tenho aprendido bastante e tô bem assim.

Tacioli – Teve algum produtor que ficou bastante tempo com você? Ou que poderia ter lhe ajudado nessa construção de carreira? Você sentiu falta disso?

Maria Alcina – Senti, sim, porque senti bastante o que é fazer muito sucesso e depois não ter aquele sucesso... comercial. Porque o sucesso está sempre com você. O sucesso tá com você, mas existe o mercado e esse você não pode esquecer. E é muito dramático passar por essas coisas sem sentir alguma coisa. Claro que senti. A minha carreira tomou outro rumo. Já não tive as mesmas condições que tinha. E fui viver as condições que tinha. Fiquei desestimulada, assim... Pensei, “Caralho, o que tá faltando eu fazer?” Pra mim, né? Nem para os outros e nem para o mercado. Não tem mais nada!

Giovanni – Aí você foi estudar.

Maria Alcina – Fui estudar. Senti que eu queria... Fui alimentar a minha menina. Costumo dizer assim. [ri]

Giovanni – E como foi pra você o reflexo da volta do estudo na carreira artística?

Maria Alcina – Peguei de novo a disciplina, a disciplina interior de você estimular suas vontades. E me senti mais estimulada, mesmo! Acho que voltei à vida. Agora parei um pouquinho... Desde que comecei a trabalhar no Espaço Vida e Consciência, com o Gasparetto, há uns três anos, fazendo shows, dando aulas com ele... Pra fazer o trabalho com ele, sempre estudo muito.

Tacioli – E como é esse trabalho?

Maria Alcina – É o espiritualismo independente. Não saberia chegar e dar o texto. Fiz duas peças com ele, **É do babado!** e **Mama mia Brasil**, sempre paralelas. Aí até parei de estudar de novo. Fiz até a 8ª série, porque tudo lá é à noite e, às vezes, por causa de trabalho, a gente precisa negociar o tempo, né?

Não havia dinheiro nem para o táxi. Aí tomei ônibus

Tacioli – Qual foi o primeiro baque que você sofreu na carreira?

Maria Alcina – Quando bate a conta. Eu tinha chofer, eu não dirigo...

Tacioli – Quando foi isso?

Maria Alcina – Anos 80. Eu não morava em São Paulo, morava no Rio. E quem pagava o chofer, e quem cuidava dos shows, era o Mauro Furtado, porque era ele quem cuidava da produção. O carro era da produção. Bem, um dia não quis mais trabalhar com o Mauro, aconteceram coisas e eu não quis mais trabalhar com ele. E o chofer não quis mais ficar comigo porque a segurança do dinheiro dele era o Mauro. Aí você começa a ver que a coisa tá feia pro seu lado, entendeu? Esse não foi o primeiro baque. A história do baque começa assim. Aí o chofer foi embora e o carro ficou na garagem, porque não dirigo, tenho medo. Não havia dinheiro nem pra outro chofer e nem pra pegar táxi. Aí tomei ônibus. Ficava lá dentro... [faz voz de lamentação] “Caralho, puta que pariu, e o carro lá na garagem!” [risos] E o braço dói, né? Quer criar musculatura, pega no ferro do ônibus! [risos]

Tacioli – E como as pessoas te viam?

Maria Alcina – Ai meu Deus do céu! [ri] Mas você sabe que nessas horas você nem pensa em quem está te vendo...

Tacioli – Mas não havia pessoas que te via e... “Maria Alcina!”?

Giovanni – “Você aqui!”

Maria Alcina – Não, porque sou um personagem, nem todo mundo sabe. É mais difícil você aceitar o que aconteceu, mas depois venci isso. Ih, já dei autógrafos dentro do ônibus. Só não vi ninguém cantar minhas músicas dentro do ônibus. [ri] Ando numa boa. Agora voltei a andar de táxi, mas ando de ônibus numa boa. Sei que tenho que contar comigo, não posso e nem preciso mais contar com Mauros Furtados, entre aspas, no sentido de proteção e essas coisas. A própria vida me possibilitou isso. Nada é negativo. Tudo é positivo.

Tacioli – Quanto tempo durou a fase...

Maria Alcina – Áurea?! 1972 até 85.

Dafne – 85 foi quando você lançou “Prenda o Tadeu” [n.e. Composição de Clemilda e Antonio Sima, lançada no disco Prenda o Tadeu, Copacabana].

Maria Alcina – Verdade. “Prenda o Tadeu” foi um sucesso.

Entrei com a rosa, passei no corpo, embaixo do braço e comi

Dafne – Em seu primeiro LP havia músicas nordestinas, como “Mulher rendeira” e “Paraíba”.

Você cantava essas músicas na noite?

Maria Alcina – Cantava, cantava.

Dafne – E como foi o contato com elas?

Maria Alcina – Eu cantava o que me dava vontade, mas quando você ouve “Mulher rendeira” no disco é diferente. “Paraíba”, que eu cantei há 30 anos, é muito original. O remix que fizeram [n.e. Produzido por FC Nond] aproveitou muito da gravação original... é uma voz muito potente, né? Não consigo mais cantar daquele jeito. Não sei que tipo de sentimento tive na época. Eu desmanchei a música. E de onde veio isso? Dos tropicalistas. Nós aprendemos isso com eles. E não é uma questão de tempo. Não é porque hoje o mundo é moderno, tem mais recursos... o que eu gravei há 30 anos não conseguiria hoje. Sempre cantei o que me dava vontade. Por exemplo, “Bacurinha” [n.e. Música de domínio público, gravada no mesmo disco de “Prenda o Tadeu”] veio de uma pesquisa que fiz sobre o Pastoril do Velho Faceta. Queria uma música pro show Plenitude, que fiz aqui em São Paulo, pra brincar com a platéia. Eu fazia uma vedete. Aí eu recorri ao Pastoril... [cantarola] “É mais embaixo, meu véi / É mais embaixo”... e estourou também. Não se cantava músicas de duplo sentido em rede nacional.

Dafne – Como era a letra mesmo?

Maria Alcina – [cantarola] “Rapaz, mas que calor / Calor na bacurinha” [risos]... Menino, isso é um sucesso! Passa de pai pra filho. Já encontrei com gente da idade de vocês que me falou que a mãe não deixava eles me verem na TV. “Apanhei muito por sua causa”... [risos] Da geração de vocês. Eu era indecente, muito decotada, cheia de plumas e a bacurinha...

Tacioli – Por causa dessas “indecências” teve alguma história de não te deixarem cantar?

Maria Alcina – Fui censurada em 74 pelo comportamento. Eu tava em Brasília no Estádio Emílio Garrastazu Médici [risos] em um show com o Luiz Gonzaga, o Benito di Paula... Eu estava seminua... ah, o Raul Seixas, quase ia esquecendo, de pijamas com bolinhas, doido de pedra...

Dafne – Que show era esse?

Maria Alcina – Era o show da Miss Brasil. Eu tava fazendo toda a temporada.

Giovanni – Mas foi nesse show que você devorou a rosa?

Maria Alcina – Esse show das rosas foi anterior, mas eles já estavam de olho em mim. Quando fui responder o processo vieram com essas história da rosa.

Tacioli – Que você comeu a rosa...

Maria Alcina – Entrei com a rosa, passei no corpo, embaixo do braço e comi. [risos] O [Jards] Macalé fez isso antes, em Gotham City. A gente foi bem ensinado. [risos]

Dafne – **Mas como foi pra você esse episódio da censura? Complicou sua vida? Foi tenso?**

Maria Alcina – Essa história da censura foi um divisor de águas... Respondi o processo e até que o tempo de censura foi pouco, mas fica a marca, principalmente no Brasil daquele tempo que ainda vivia com a ditadura. Virei uma pessoa que incomodava. Aí depois, quando gravei “Prenda o Tadeu”, diziam para controlar o gestual. Mas antes mesmo, no Maracanãzinho na época do “Fio Maravilha”, eu segurava o microfone e fingia uma masturbação. Mas fazia isso, porque fazia, achava divertido, não era nada...

Giovanni – ... **Premeditado. “Vou fazer esse gesto...”**

Maria Alcina – Não, era uma coisa muito minha. Tenho certeza que se fosse pensar em tudo que fiz, não teria feito. E hoje quando penso muito, não faço nada. Fica uma chatice, você se torna uma chata de galochas. Não sei mais o que é que eu faço. Engraçado isso, quando você pensa muito, não faz. E vem a censura, e não é nem a de fora, é de você mesmo.

Sou de uma geração em que ou se era intelectual ou brega

Tacioli – Mas esse incidente de 74 mudou algo em seus shows, em seu repertório?

Maria Alcina – Não, eu acho que consegui driblar bem. O meu problema é o temperamento. Tenho esse temperamento. Eu me controlo pra ficar mais calma. Às vezes até fico calma uns 20 minutos do show, mas quando faltam uns 10 minutos faço aquela coisa que não era pra fazer. [risos] Às vezes é uma gargalhada fora da hora, outras é uma coisa que não era pra falar... Lembro que de vez em quando não usava calcinha porque tinha umas roupas muito justas, muito coladas ao corpo, e pra não marcar ficava sem calcinha. E sempre tinha um fotógrafo que batia e depois eu via aquela coisa na revista. [risos] Eu era aquela que promovia o exótico, o diferente. Eu me lembro de um empresário que ficava atrás de mim [ri] e perguntava toda hora, "Você tá de calça?" [ri]

Tacioli – Isso foi na década de 70?

Maria Alcina – Não, eu já tava em São Paulo. Foi na década de 80. Mas é que eu fiquei como a pessoa que causava problemas. Até o Brasil virar... porque hoje, quanto mais você fica pelada, melhor, mas até acontecer isso...

Dafne – Eu ia falar da Carmem Miranda...

Maria Alcina – [ri] Uma vez saiu uma foto minha numa dessas revistas – tipo Playboy, Vip –, uma dessas de grã-fino. [risos] Eu tava com um vestido amarelo cheio de babado e com aquela coisa preta na cara de todo mundo. A legenda trazia essa história da Carmen Miranda. Acho que o Luizinho ainda deve ter essa foto minha. [risos] Filha da puta! [risos] Uma vez eu tava fazendo um show em um navio, o Funchal – o Agnaldo Rayol adora contar essa história. Teve uma dia em que a gente estava na Hebe e ele contou... Tava lá cantando "Fio Maravilha" e todo mundo cantando junto, aí comecei a levantar a roupa. [risos] Menino! Quase fui jogada pra fora do navio! [risos] Os músicos todos se reuniram – "porque eu estudei não-sei-onde", sabe aquela história que eu sou de categoria e você... é uma lacraia?! [risos] E pra explicar que tinha sido um acidente?

Giovanni – Por esse seu modo de cantar, você já sentiu alguma discriminação das pessoas com as quais trabalhou?

Maria Alcina – Eu sentia mais, talvez por ser mais vulnerável, mas agora... se a banda não tocar, canto sem a banda... Mas nesse dia do navio, eu senti bastante, essa coisa do "eu sou um grande músico"... Mas também acontece o contrário, de pessoas que vem trabalhar comigo achando que sou uma coisa e descobrem outra. Acho que pelo meu temperamento sempre me acharam menor. Por isso que gosto de vocês! [risos] Essa gente de Internet é tudo cabeça feita, são jovens, mas não tem esse preconceito. Eu sou de uma geração em que ou se era intelectual ou brega. É interessante

essa coisa do brega. Porque ou era alta MPB...

Dafne – Chico, Caetano, Gil...

Maria Alcina – Mas quem vendia...

Dafne – Odair José, Nelson Ned, Waldick, Fernando Mendes...

Maria Alcina – Eles eram os vendedores, mas a estética, o prestígio estavam na alta MPB. Então, mesmo depois de vir de um festival internacional com uma música do Jorge Ben... porque o Jorge transita em todas, né? Hoje ele é um Deus pra nova música brasileira: o samba-rock, os rap, o funk, mas ele já passou por situações... Bem, mas quando eu saio do Festival Internacional com a música do Jorge Ben e passo a fazer mais shows, fico também numa corda bamba entre uma coisa e outra. Sempre fiquei no limbo das coisas.

Eu era um anjo pra resolver os problemas das mulheres

Tacioli – Hoje você ainda sente que não é levada a sério da forma que gostaria?

Maria Alcina – Também não tem mais nenhum problema, porque não tem mais tempo pra me cobrarem. Independentemente de qualquer coisa, eu sobrevivo e vivo de música, e exatamente por isso tenho liberdade pra me comunicar. Abri novas frentes pro meu trabalho. Acho tudo ótimo e o que me perguntarem eu respondo. O que eu sei eu faço, o que não sei, não faço. Não dependo da aprovação de ninguém e também ninguém tá aí pra mim [silêncio]... Mas é, porque quando você fica solta no mundo, você fica ótima. Maria Alcina é uma marca. Isso é coisa da Maria Alcina. Isso tem a cara da Maria Alcina. Por exemplo, os espetáculos que fiz com o Gasparetto são teatro. Um é musical e o outro é drama. Abri frentes de trabalho para minha sobrevivência.

Tacioli – Quem dirigiu esses espetáculos do Gasparetto?

Maria Alcina – Ele mesmo. Foi uma oportunidade legal de trabalhar. Canto, sou jurada, faço teatro...

Tacioli – E como você se apresenta na peça? É um personagem?

Maria Alcina – É um papel. O primeiro foi um anjo. [risos] Olha que delícia, gente! Pra resolver os problemas das mulheres na Terra. O anjo entra com a Nenê de Vila Matilde cantando “Alô, alô, quem me chamou?”... só eu posso fazer essas coisas, com esse temperamento. No outro sou uma mãe, morro [risos], e passam minhas memórias de mãe. É um trabalho maravilhoso. Ele dirigiu, fez tudo... é também uma questão de sobrevivência. O teatro é uma frente ampla de trabalho.

Tacioli – As pessoas que vão lá e vêem que no elenco está a Maria Alcina, o que elas esperam?

Maria Alcina – Bem, elas já tem uma imagem da Maria Alcina. Por exemplo, se fosse um negócio com a Gal... eu sei quem é a Gal... agora, me surpreendo se ela faz alguma coisa que eu não esperava.

Tacioli – Você acha bom?

Maria Alcina – Isso é ótimo! É pra isso que a gente é artista. Agora o mercado é outra coisa. Acho que é muito bom a gente frisar e ter claro o que é uma coisa e o que é outra, porque aí você não sofre. Também, vivo a minha vida modestamente, não vivo a vida da star que eu era nos anos 70.

Se eu pego as músicas do Gerônimo, tenho certeza do sucesso

Tacioli – Hoje em dia dá pra conciliar vida artística com mercado?

Maria Alcina – Não saberia te responder. Como cantora, precisava fazer um CD, ter grana pra bancar divulgação no rádio... Essa é a diferença de ser contratada por uma gravadora, pelo menos na minha época, né? A música tocava porque o radialista gostava da música. Acho que o mercado mudou muito, não depende mais do artista. O que atenderia a exigência do mercado pra Maria Alcina entrar? O que seria isso? Bem, eu precisaria de muito dinheiro também... Hoje tem uma industrialização, ninguém entra mais pra ver o que vai acontecer, pagar pra ver...

Tacioli – A espontaneidade se perdeu?

Maria Alcina – Existe, mas existe a questão do mercado... Eu não estou falando nem de espontaneidade, nem de talento, nem nada.

Tacioli – Espontaneidade pra chegar nesse mercado.

Maria Alcina – Pra mim falta bancar mesmo.

Giovanni – Quer dizer, você acha que não basta ter somente um bom disco...

Maria Alcina – Não, eu creio que não. Quantos bons discos a gente sabe que existem e que não se ouvem no rádio.

Dafne – Mas você não imagina...

Maria Alcina – O que é que tem por trás disso? Eu não sei. Também não tem ninguém interessado em mim, gente!

Giovanni – Nós! [risos]

Dafne – Mas você não imagina um outro tipo de sucesso longe das grande gravadoras? Quero dizer, tem os grandes sucessos de 300 mil cópias, mas também há outros sucessos menores, em vez do grande público, um público menor...

Tacioli – Mas mais estável.

Maria Alcina – Vocês estão falando de discos, né?

Dafne – Discos, shows...

Maria Alcina – Eu estou trabalhando normalmente, fazendo shows lá no Brahma... e esses relançamentos da Warner são lindos, maravilhosos... Os remixes, "Paraíba", "Fio Maravilha"... Acho que posso gravar outro disco...

Dafne – Li em uma matéria que dizia de um projeto seu de gravar um disco com composições do Gerônimo.

Maria Alcina – É uma vontade que a gente tem, porque ele é genial. Acho que o trabalho dele bate muito com as coisas que eu penso, principalmente porque é rítmico. Mas não tenho dinheiro pra bancar um CD...

Dafne – **Mas você não acha que esse projeto tem mais uma cara independente do que de uma grande gravadora?**

Maria Alcina – É o tal negócio, se eu pego essas músicas do Gerônimo, independentemente da gravadora ser grande ou não, tenho certeza que vai ser sucesso.

Não posso mais ficar pensando nessa coisa de sucesso

Tacioli – Se hoje você voltasse a fazer sucesso em grande escala, como aconteceu nos anos 70, o que mudaria na sua relação com o sucesso? Lembrando que também por causa do mercado esse sucesso pode voltar a sumir...

Maria Alcina – É, engraçado, né? Acho que não tenho mais essa visão de sucesso.

Tacioli – Já teve?

Maria Alcina – Não. Tenho uma visão de estar acontecendo. Tudo pra mim é um grande sucesso. É claro que não estou começando. Lá em Cataguases eu não tinha essa [ri]... Às vezes ouço as pessoas falando de sucesso, mas quando olho pra trás, puxa vida, e não computar isso como um grande sucesso... Eu não faço mais isso comigo. Se pinta coisa do mercado é outra história, mas tenho público quando faço os meus shows. Se entro nesses lugares de grandes shows, não vou levar 20, 200, 300 mil pessoas. Pelo menos nesse momento. Não sei o que pode acontecer comigo daqui cinco anos. A gente pode estar falando de outra coisa. O importante é a gente ficar... eu pelo menos estou quieta e sigo trabalhando, estudando. Não posso mais ficar pensando nessa coisa de sucesso, por isso tenho chance até de que ele aconteça.

Dafne – Ano passado [2002] você fez uma série de shows no Supremo...

Maria Alcina – Foi lindo! Esse show foi escrito pelo Cervantes.

Dafne – E como era?

Maria Alcina – Esse show tinha uma qualidade musical muito diferente daquilo em que vocês estão acostumados a me ver. Cervantes pegou clássicos da música brasileira. Eu cantava em inglês também, umas duas músicas na abertura. A Cristiane Neves assinou os arranjos para piano, baixo acústico e percussão. Às vezes havia algum baterista e sopros, um pessoal da Havana Brasil. Chiquérrimo! Lotamos o Supremo!

Dafne – E esse do Bar Brahma?

Maria Alcina – Ah, esse sou eu mesma. Meu show, minhas músicas, sem muita elucubração.

Tacioli – Por que você mesma? Você não se reconhecia no show do Supremo?

Maria Alcina – É que são músicas diferentes, estéticas diferentes... A questão musical é diferente.

Giovanni – Os arranjos.

Maria Alcina – Os arranjos. E nesse show [do Bar Brahma] eu não estou com preocupação nenhuma. É uma celebração de 30 anos de carreira. Eu tava cantando Adriana Calcanhotto e coisa e tal e um cara grita "Bacurinha!" [risos] "Ah, vocês querem ver a bacurinha?" O Brahma é mais

extrovertido, né? Mas esse [do Supremo], “Eu e Maria Alcina”, foi o Cervantes quem escreveu. Ele já escreveu outros shows pra mim, mas esse foi supermarcante porque era muito diferente.

O meu limite esbarra na parte comercial

Tacioli – E o que representa um desafio pra sua carreira hoje?

Maria Alcina – A necessidade de sobrevivência. [risos] É verdade. Eu não posso rejeitar trabalho, você percebe?

Tacioli – Há limite pra isso?

Maria Alcina – No meu caso, não. É claro que não vou ficar nua na Playboy, porque a Playboy tem limites! [risos] Eu não podia perder a piada. Perco a entrevista, mas não perco a piada. [risos]

Tacioli – A entrevista você não perde. [risos] Mas é que às vezes a gente coloca limites. “A partir daí não vou!” Existe isso, mesmo por conta da sobrevivência?

Maria Alcina – Não, também porque pra mim não apareceu nada que fosse muito fora, entendeu? E eu já cantei em todo tipo de lugar que você possa imaginar. [toca o interfone] Não fico fazendo caras e bocas, “Nesse lugar eu não canto”, “Nesse lugar eu não vou”. Nesse aspecto eu posso te responder. Inclusive aparece muita coisa boa.

Tacioli – Pergunto isso pensando em propostas para outros públicos. Por exemplo, você e um regional ou você e uma formação mais acústica. Isso representa um desafio pra você, ou tanto faz?

[Daniel Almeida chega]

Maria Alcina – Representa mais uma vontade. Olha, fui fazer uma gravação no UOL. Eu estava com o violonista Sérgio Belo. E o Antônio, que estava fazendo a gravação junto com o repórter, gostou muito de me ver cantando voz e violão. O Sérgio Belo sempre teve vontade de fazer um disco comigo só voz e violão. Ficou bonito, uma sonoridade bonita, mas eu não fico arriscando muita perspectiva porque é preciso de dinheiro pra se fazer essas coisas. Talvez o meu limite esbarre na parte comercial. Porque se há oportunidade, eu faço. Não sou uma pessoa muito disciplinada, não, mas se pego algo pra fazer, a coisa dá certo, pelo cuidado que tenho. Posso não ter comigo, mas tenho com você que me contratou. Não tenho medo.

"Caralho, não tô morta!"

Tacioli – Alcina, esse é o Daniel.

Daniel Almeida – Prazer. Desculpem-me pelo atraso. [risos]

Maria Alcina – Ah, você fazia parte...

Almeida – Faço.

Dafne – Não faz mais. [risos]

Almeida – Depois dessa não faço mais.

Dafne – Você não precisa responder às perguntas dele. [risos]

Maria Alcina – Ai, mas a gente foi longe, hein!

Tacioli – Alcina, o personagem já lhe pesou alguma vez?

Maria Alcina – É uma coisa muito interessante porque quando a minha carreira começou a tomar outro rumo, no sentido financeiro, eu pensei... “Gente, eu não vou botar aquele plumeiro pra entrar no busão, não! [risos] Mas aí eu achei que fiquei bagaça de mais, sabe aquela que vai deixando... agora eu consigo separar a Maria Alcina cantora, que tem uma estética, da Maria Alcina que vai buscar o leite das crianças.

Tacioli – Essas duas figuras são amigas?

Maria Alcina – São amigas. Mas também chega uma hora em que quero andar despreocupada na rua, não quero que encham o meu saco... porque na hora em que você precisa que o público vá lá prestigiar você voltar, ele não vai, porque então deixar que ele te encha o saco quando você vai ao mercado, ao Correio, na fila do ônibus, na chuva, né? É, porque tem ônibus que demora pra chegar. [risos] E sempre mulher, né? [faz uma voz fininha] “Ah, gostava tanto de você!”... Eu tô ali inteira na frente dela e a mulher fala que gostava de mim! Caralho, não tô morta! As pessoas não tem senso. Olha, lidar com isso é muito difícil. Mas agora já consigo administrar.

Almeida – Você...

Tacioli – Pode desconsiderar, Alcina. [risos]

Almeida – É só vocês tirarem na transcrição.

Maria Alcina – Tadinho! [risos]

Almeida – Se você já respondeu isso não precisa falar. [risos] **Do mesmo jeito que a Elke Maravilha virou uma espécie de madrinha dos gays, queria saber se isso aconteceu ou acontece com você e como foi?**

Maria Alcina – É verdade. Acho que é porque apareci no mercado de um jeito muito diferente. Um mulher muito diferente. Tenho amigas que disseram que, quando apareci, achavam que eu era travesti. Porque, naquela época, era muito ousado para ser uma mulher... e eu também acho que

eles se identificaram porque é uma luta muito parecida, é a batalha de se fazer valer, tanto na sexualidade quanto... é mostrar a que veio.

Almeida – Atitude, então.

Maria Alcina – Atitude! Essa é a palavra. Atitude é uma palavra tão legal.

O rap é muito cinematográfico

Giovanni – Como foi sua experiência com o rap?

Maria Alcina – Pois é, gravei com o Júri Popular. Foi uma participação no CD deles. Eles me convidaram e eu gosto muito de rap. Tenho um amigo que é amigo deles, foi assim que aconteceu. É um CD maravilhoso, mas você não acha em lugar nenhum, é independente, né? Você sabe que de vez em quando faço shows com o Funk Como Le Gusta e entro no palco cantando um pedacinho desse rap... “Eu vou chegando, rimando, Maria Alcina”...

Tacioli – Você acompanha o rap?

Maria Alcina – Sim, ouço, pesquiso. Tenho ficado muito tempo fora de casa por causa desse trabalho [com Gasparetto], mas sempre que posso acompanho.

Tacioli – Tem alguém que lhe chama a atenção?

Maria Alcina – Eu gosto de tudo porque eles são muito diferentes. É uma música com muita informação, é quase cinema, é muito cinematográfica. O ritmo e tudo...

Almeida – Mas eles, aparentemente, são mais sisudos e você é muito festiva. Não existe nenhum atrito?

Maria Alcina – Pois é, mas é pela atitude. Acho que tem um entendimento pela atitude. Um sentimento.

Tacioli – Mas você também acha que existe uma postura política no que você faz?

Maria Alcina – Entendo o que você tá falando. Olha, acho que de tudo o que me aconteceu – com a minha carreira, comigo – e eu ainda estar aqui, inteira, é porque tem algo político, sim, nem que seja da política da sobrevivência. [ri] Acho que a política do humano. Tudo acontece, tudo é normal. Se a situação ficou contra, eu fiquei a meu favor. Eu só estou falando isso agora, porque há uns 5 anos eu não entendia assim. Acho que isso, o estudo foi muito benéfico pra mim... me acolheu.

Disseram-me que eu havia inaugurado o samba-pornô

Tacioli – O que você fazia nessa época em que você pegava ônibus? Shows?

Maria Alcina – Sim, continuava fazendo shows. É que o show que custava X em uma época passa a custar Y em outra. Então não dá pra ficar com muita regalia.

Tacioli – Claro. Durante a década de 70 quando você sofreu com a censura, houve alguma cobrança no meio artístico de um discurso seu contra a ditadura?

Maria Alcina – Não. Por causa do meu comportamento. Existiu de compositor falar que não dava música pra mim porque eu não falava a linguagem dele.

Tacioli – Quem?

Maria Alcina – Ah, isso é bobagem! [risos] Ihhhhhhh. Enterrei com a história! [risos] Que chique! Gostou? [risos]

Tacioli – Gostei.

Maria Alcina – Enterrei com a história.

Tacioli – Mas qual era a música? [risos]

Maria Alcina – Mas eu não tinha ciência disso, não. Pra mim tava tudo bem.

Tacioli – Mas você sabia a situação pela qual o país passava, não? Você tinha consciência disso ou ela veio depois?

Maria Alcina – Tinha. Eu captava o clima, mas não tinha uma consciência intelectual daquilo. Quando cheguei no Rio tinha uns amigos que estavam naquele babado e de repente saíam correndo, passavam a mão em livro e eu não sabia o que tava acontecendo. Tava numa casa, trabalhando pra ter um quartinho pra dormir. Na música a gente percebia o que tava acontecendo. Foi um momento de ficar observando e aprendendo com toda aquela situação que tava ali. Sabia o que tava acontecendo. Também se não soubesse... tomando na cara. Quando chegou o processo... claro, o Mauro Furtado tava ali me assessorando... então, quando chegavam aquelas coisas escritas... porque eu cantava daquele jeito... Os gestos... eu nem sabia o que responder.

Tacioli – Esse foi o único episódio com a censura, né?

Maria Alcina – Sim, mas aí fica a marca. E ainda vou cantar música de duplo sentido... Me lembro de uma jornalista que veio me entrevistar antes desse show de Brasília. Ela disse que eu tinha inaugurado o “samba pornô”. [risos] Fiquei indignadíssima. Mal sabia eu que na seqüência o bicho ia pegar muito mais. Nossa, quando gravei “A Espiga” então... do Pastoril do Velho Faceta eu gravei logo três: “A Espiga”, “Bacurinha” e “É mais embaixo”. Mas “A Espiga” eu gravei já pra...

Dafne – Como é mesmo a “Espiga”?

Maria Alcina – [cantarola] “E a espiga / E a espiga / E a espiga / Se eu falo na espiga / É com um certo receio / Você sabem que a espiga / Nasce cabelo no meio”... [risos] Gravei essa música em um compacto da RCA. Aí pegaram “A Espiga”. Liguei pra Brasília... Tô muito comportada, vou começar a avacalhar esse babado, tão fazendo comigo o que querem... O [Agnaldo] Timóteo era deputado na época, falei com um assessor dele que me passou pro Ricardo Cravo Albin, mas a RCA já estava com o pé atrás. E isso já é década de 80.

Ídolos? Dalva de Oliveira e Maricenne Costa

Tacioli – Existe algum ressentimento com o Ney Matogrosso? Porque já lhe compararam com os Secos & Molhados...

Maria Alcina – Olha, sou antes dos Secos & Molhados... Ele cantava fino e eu grosso, daquele mesmo jeito em Minas... E muitas pessoas me falaram que tinha muita vontade de ver Maria Alcina e Ney Matogrosso juntos. Um dia encontrei com ele na TV Bandeirantes e conversamos um pouquinho. Ele disse que falaram pra ele também. Gente, ia ser bárbaro, principalmente naquela época, mas ele nunca quis fazer um show comigo. Acho que foi mais um desejo do público. Eu toparia, lógico! Também entra aquela coisa de... naquela época ele tava no auge e eu não tanto. Tem isso, mas penso até hoje. Acho que daria um bom caldo.

Tacioli – Com quem mais daria um bom caldo?

Maria Alcina – O Chico César. Um dia eu tava lá em casa e toca o telefone. “Oi, eu sou Chico César. Queria te convidar pra participar de um show meu lá no Crowne Plaza”... Era um show com vários convidados. Mas não sabia quem ele era e que já cantava na noite. Topei na hora, sem pensar muito. Fizemos o show e foi bárbaro. Seguimos fazendo alguns shows, mas quando ele montou a banda, fui para os Estados Unidos. Lá eu cantava músicas dele... “Folia de príncipe”... E quando voltei ele tava estourado. Então todo aquele trabalho a gente fez junto deu um ótimo caldo. Essa coisa de minha de ter muita liberdade bate bem com outros artistas. Já fiz shows com a Havana Brasil, com o Funk Como Le Gusta... nossa, com o Funk Como Le Gusta dá um caldo grosso! [risos] Com sustança!

Almeida – Você não tem ídolos?

Maria Alcina – O Gilberto Gil. Ele foi a pessoa que me deu o tom. Adoro a Cássia Eller, tem umas músicas que gostaria muito de cantar, mas como ela morreu recentemente não gosto de mexer. Não é que não tenha ídolos, gosto de todo mundo. Gosto de observar... mas você sabe que quando a gente é profissional não tem muito tempo pra ter ídolos. Você entende o que estou falando?

Almeida – Entendo. Você olha mais de igual pra igual.

Maria Alcina – É mais uma coisa de observar.

Almeida – Uma troca.

Maria Alcina – Isso, uma troca. Como cantora tenho a Dalva de Oliveira. Ninguém canta daquele jeito. Tem a Maricenne Costa. Maravilhosa! Ela é meu ídolo. Olha aí, aos poucos vai pintando. Vi a Maricenne em um programa de TV. Pensei, “Nossa, essa mulher tem um coisa”. Você nota logo uma coisa dessas, independentemente de como a pessoa esteja, independentemente de qual programa ela esteja. Quem tem aparece. Ela é o máximo.

Tacioli – E musicalmente, do que você não gosta?

Maria Alcina – [silêncio] Tem músicas que não tenho intimidade. Já me falaram pra cantar blues, mas não tenho intimidade, não é que não goste. Música é som e som vem com você. A gente não sabe como isso chega. Quando você me pergunta como cheguei ao Jorge Ben... tem uma coisa de histórico-social, a gente não sabe porque, é a cor, a pele, a gente não sabe. Meu sentimento é muito brasileiro e não tenho intimidade com músicas que não sejam brasileiras. Com música latina já tenho mais. Claro. Bate tudo quebrado. Uma salsa e a nêga fica louca! [risos] Com a Célia Cruz a nêga fica louca, tá lá o vozeirão... ihhhh! Quando gravei “Kid Cavaquinho”, do João Bosco e do Aldir Blanc, foi porque havia uma coisa ali, um ritmo, uma coisa de negão, o que ele [João Bosco] faz com a voz... e a música é um sucesso por causa de uma identificação. Quantas pessoas já cantaram essa música? Aquele “Genésio” tem uma pegada [risos]... Nem ele cantou daquele jeito, é uma outra pegada. O João Bosco é muito ritmo, o Jorge Ben também... Acho que minha pegada é muito de ritmo. De quebradeira eu entendo bem, eu sinto bem.

Chamei a Aurora Miranda pra cantar e ela topou

Tacioli – E como foi essa quebradeira nos Estados Unidos?

Maria Alcina – Olha, a primeira vez que fui pra lá foi em um carnaval. Carnaval já é uma quebradeira geral e eu cheguei lá toda fantasiada. O brasileiro quer ver a gente porque sente saudade da gente, do Brasil. Americano gosta de gente doida, extravagante. Mulher extravagante na América é sucesso total. Ah, meu filho, juntou a fome com a vontade de comer. Trabalhei sempre com bons músicos lá. Quando você pega um músico brasileiro que mora lá, quero dizer, com a pegada de trabalhar lá e com o ritmo brasileiro, gente, faz favor, né? E ainda levando pitadas de Carmen Miranda! [risos] Fizemos duas noites no Lincoln Center com o Nelson Motta. Olha, fui encontrar com o Nelson Motta vinte e tantos anos depois em Nova York. Ele foi ver um show nosso lá, o Eles por ela, que era um show com transformistas fazendo músicas da Carmen Miranda. E eu lá no meio, bonita. Nos encontramos lá e ele me chamou pra fazer um show em homenagem a Carmen Miranda no Lincoln Center. Na primeira noite tava lá a Dona Aurora Miranda, a Marília Pêra, o Eduardo Dusek, o Emílio Santiago, o Leo Gandelman... ai gente, eu não sou fraca, não! [risos] Que beleza! Ele [Nelson Motta] me disse que me conhecia desde os 17 anos. Foi quando cantei naquele festival de Cataguases. Cheguei no Rio menor de idade.

Tacioli – E como foi conhecer a Aurora Miranda?

Maria Alcina – Ai, uma maravilha.

Tacioli – Ela cantou?

Maria Alcina – Ela participou do evento. E depois foi me ver na boite. Cantava umas músicas da Carmen e também da Aurora... Aí pensei, vou dar um truque, vou chamar ela pra cantar comigo... e ela topou. Tenho isso gravado. Em Nova York! [risos] Não é em Copacabana, não. Não podia perder essa oportunidade.

Não tenho mais fantasias

Dafne – E depois do Bar Brahma, da festa dos 30 anos de carreira, o que vem pela frente?

Maria Alcina – Não tem nada programado. Estou lá com o Gasparetto participando da Companhia das Luzes... Mas passo pra vocês qualquer novidade.

Almeida – Mas pode ser sonho também. Essas coisas que ficam rondando a cabeça...

Maria Alcina – Boa pergunta. [risos] Teve esse negócio da UOL, voz e violão... mas a gente sempre pensa que tudo vai dar certo. É claro. Ninguém pensa em algo que vai dar errado. [risos] Não funciona. Mas é que não deliro mais. Não fico alimentando porque acabo pensando nas dificuldades. Não sei se estou errada, se estou certa. Mas acho que é porque tive oportunidade de viver tanto a realidade do grande sucesso quanto a do não tão grande sucesso. E todas com alegria. Mas sempre bate na cara a realidade, porque quando você não tá fazendo sucesso você perde a imunidade. Se uma pessoa não gosta de você ela se sente no direito de te mandar à merda. "Não, você não pode pedir esse cachê porque você não é mais sucesso, não tá na mídia"... Eu já ouvi de tudo. Não tenho mais fantasias. Pelo menos agora. Acho que tá rolando comigo uma grande maturidade, de me expor como uma profissional. Também, não é pra menos... olha o que eu já falei! [risos] Não se pode passar impunemente, você não pode continuar... não é alienada, não... Às vezes há uma ingenuidade natural, mas não dá pra ser ingênua todo o tempo. De vez em quando ainda faço umas burradas legais. Fortes. [risos]

Tacioli – E se você pudesse mudar algo nesses seus 30 anos de carreira, o que você mudaria?

Maria Alcina – Não, isso não. Engraçado, né? Eu não mudaria nada, não. É o tal negócio, se você pudesse voltar faria tudo igual? Igual também eu não faria, porque não sou doida. [risos] Queria só do bom e do melhor, mas mudar também não.

Tacioli – Nenhum arrependimento?

Maria Alcina – Não.

Tacioli – E sempre foi assim?

Maria Alcina – Também não! [risos] Eu acho que sobrevivi muito bem às questões negativas da minha profissão. Pelo menos das coisas que aconteceram comigo. Acho que comecei a rir de mim. Isso é muito bom. Quando você ri de você mesma em situações que podem ser extremamente dramáticas... sei que tudo acontece, tá tudo certo. O show que não teve hoje vai ter amanhã. Nem sempre foi assim, já tive momentos em que o medo me paralisou. Não conseguia sair de casa. Mas a música sempre me deu retorno, sempre foi minha aliada. Sempre me resgatou.

FICHA TÉCNICA

MARIA ALCINA
Onde foi parar a fantasia?

entrevistadores

Dafne Sampaio
Daniel Almeida
Giovanni Cirino
Ricardo Tacioli

fotos

Dafne Sampaio

agradecimentos

Cervantes

transcrição

Dafne Sampaio

edição de texto

Ricardo Tacioli

local e data

São Paulo, 14 de abril de 2003

realização e publicação

gafieiras.com.br